

Maturidade Integral: Abordagem Baseada em Valores

Integral Maturity: a Value-Oriented Approach

Maduridat Integral: un Abordaje Basado en Valores

Ricardo Dias*

* Engenheiro. Mestrando em Administração. Empresário e professor universitário. Voluntário do Instituto Internacional de Projeociologia e Conscienciologia (IIPC).

ralgd1@uol.com.br

Texto recebido para publicação em 19.05.10.

Palavras-chave

Autoconhecimento
Autopesquisa
Holomaturidade

Keywords

Self-knowledge
Self-research
Holomaturity

Palabras-clave

Autoconocimiento
Autopesquisa
Holomaduridat

Resumo:

O artigo dá sequência às autopesquisas do autor acerca da maturidade integral, e propõe um esquema hipotético do mecanismo de maturação consciencial baseado nos comportamentos e valores conscienciais. Nesse esquema, o medo é identificado como a principal raiz dos impulsos e valores evolutivamente ectópicos e o autoconhecimento, como catalisador do processo evolutivo capaz de substituir o medo pela coragem consciencial. O artigo apresenta técnica de identificação e classificação de valores e casuística pessoal do autor.

Abstract:

The article follows the self-research of this author on integral maturity and proposes a hypothetical scheme of the consciencial maturing mechanism based on consciencial values and behavior. In this scheme, fear is identified as the main cause of the evolutionarily ectopic impulses and values, while the self-discernment is the catalyzer of the evolutionary process allowing the replacement of fear with consciencial boldness. The article introduces a technique of identification and classification of values and the author's personal experiences.

Resumen:

Este artículo da secuencia a las autopesquisas del autor acerca de la maduridat integral, y propone un esquema hipotético de mecanismo de maduración consciencial basado en los comportamientos y valores conscienciais. En ese esquema, el miedo es identificado como la principal raíz de los impulsos y valores evolutivamente ectópicos y el autoconocimiento como catalizador del proceso evolutivo capaz de substituir el miedo por el coraje consciencial. El artículo presenta la técnica de identificación y clasificación de valores y casuística personal del autor.

INTRODUÇÃO

Evolução. Este trabalho parte do princípio de que a *evolução consciencial* se dá com o aumento do nível de *maturidade*, sendo que a maturidade pode ser aferida pela qualidade das *priorizações* nas ações do dia a dia.

Sequência. O artigo dá prosseguimento às autopesquisas do autor, iniciadas em artigo anterior que trata da maturidade integral segundo as priorizações quanto ao *tempo evolutivo* e aos *veículos de manifestação* (DIAS, 2006), a saber:

1. **Tempo evolutivo.** Diz respeito ao tempo evolutivo, ou seja: como a percepção temporal afeta a priorização das ações. Com base na constatação de que há pessoas que preferem poupar no presente para usufruir no futuro e outras que fazem o inverso, isto é, usufruem agora e deixam a conta para ser paga depois, essa vertente trata da maturidade das ações em relação aos seus efeitos mediatos e imediatos.

2. **Holossoma.** Refere-se à utilização dos veículos de manifestação da consciência, ou seja: qual prioridade é dada a cada veículo no cotidiano. Nessa vertente, buscou-se entender a priorização através da comparação entre o tempo e energia gastos para manter o corpo físico, alimentar as emoções do psicossoma e para trabalhar o discernimento do mentalsoma.

Valores. A terceira abordagem, tratada no presente artigo, diz respeito à priorização axiológica, ou seja: em que nível os comportamentos diários são coerentes com os valores e princípios evolutivos pessoais. A questão básica dessa vertente pode ser formulada da seguinte maneira: *se já foram identificados valores ideais, cosmoéticos e maduros, por que ainda são priorizados comportamentos imaturos ou desalinhados com esses valores?*

Priorização. Para Vieira (2008, p. 3.091), “a prioridade é a condição da identificação da realidade mais relevante a ser colocada e atendida em primeiro lugar, no momento evolutivo, seja para a conscin, em si, ou para o grupocarma”.

Objetivo. Desta forma, o objetivo do artigo é contribuir com o estudo da holomaturidade através da identificação e priorização dos *valores conscienciais*, apresentando um modelo hipotético do processo de maturação consciencial baseado nos comportamentos, valores e impulsos.

Metodologia. O artigo foi elaborado através de revisão bibliográfica relativa aos temas atinentes à maturidade e valores conscienciais, além de apresentar técnica destinada à identificação e hierarquização dos valores pessoais.

Estrutura. Em sua primeira parte, o artigo delimita o conceito de maturidade integral utilizado e sua relação com a Priorologia. A seguir, são abordados os conceitos de comportamentos e valores, bem como suas inter-relações. Com base nisso, o conceito de impulso é desenvolvido, buscando-se classificar seu nível pró-evolutivo e identificar suas raízes. O passo seguinte deste trabalho consistiu na identificação de um elemento catalisador que possibilite a transformação dos impulsos de modo a aumentar a holomaturidade da conscin. Por fim, é sugerida técnica de autopesquisa para identificação dos valores pessoais e apresentada casuística pessoal do autor.

I. MATURIDADE

Definição. Há várias acepções para a palavra maturidade. Para o propósito deste artigo, entende-se maturidade, em sentido amplo, como estado ou qualidade de maduro, ou daquilo que chegou ao seu completo desenvolvimento.

Ideias afins. Seguem 10 ideias afins à maturidade, dispostas em ordem alfabética: aperfeiçoamento, circunspeção, completude, desenvolvimento, experiência, juízo, perfeição, ponderação, previdência, prudência, sensatez, seriedade.

Ideias antagônicas. Representam 10 ideias antagônicas à maturidade, dispostas em ordem alfabética: imaturidade, imperfeição, imprevidência, imprudência, incompletude, inexperiência, ingenuidade, leviandade, precocidade, prematuridade.

Biologia. Pela Biologia, de modo geral, a maturação é atingida quando o ser completou seu desenvolvimento e está apto para reproduzir. Por exemplo, uma maçã típica estaria madura quando apresentasse

a coloração vermelha e sabor adocicado. Isto indicaria que as sementes estariam prontas para a germinação. Obviamente o assunto é mais complexo, mas serve ao propósito deste trabalho para comparação entre os vários graus de maturidade.

Sociologia. Um pouco mais complexo que a acepção biológica, no âmbito da Sociologia pode-se definir um indivíduo maduro como aquele que reflete, em sua manifestação, o comportamento adequado ao adulto, indicando um estado de adaptação ou ajustamento ao próprio meio.

Maduro. Um homem de 40 anos, casado, pai de família, profissional competente, estável financeiramente, que participa da sociedade em eventos culturais, esportivos, políticos ou religiosos, poderia ser considerado, dentro dessa visão sociológica proposta na cultura ocidental, um ser humano maduro. Observa-se também, neste caso, a simplificação do tema, mas também suficiente para os propósitos do artigo.

Velhice. Quando se fala em maturidade, logo surge a ideia da velhice. Basta procurar na Internet a palavra maturidade, em qualquer *site* de busca, para verificar que as páginas sobre a terceira idade são a maioria. Entretanto maturidade, apesar de estar relacionada com a vivência e a experiência, é bem diferente de envelhecimento.

Esforço. Envelhecer não exige esforço nem mesmo ação – basta ficar deitado em uma cama que se envelhece com o passar do tempo. Não há méritos, consciencialmente falando, no envelhecimento biológico. O protozoário, a maçã e o camundongo nascem, envelhecem e morrem.

Conscienciologia. Segundo a Conscienciologia, a holomaturidade é a maturidade integral, abrangendo a maturidade biológica, psicológica, sociológica, multidimensional, holossomática e multiexistencial (VIEIRA, 1999, p. 366-374).

Evolução. A medida evolutiva da consciência se dá pela medida de sua holomaturidade. Assim, para identificar o grau de evolução individual é necessário medir o nível de maturidade pessoal.

Priorização. A holomaturidade pode ser aferida pelo nível das priorizações observadas nas manifestações conscienciais, ou seja, é no dia a dia que se pode verificar o real nível de maturidade da conscin.

Troca intertemporal. Um dos indicadores de maturidade é saber abrir mão de um benefício imediato em troca de um benefício maior no futuro (DIAS, 2006).

Implicações. “Não raro, a conscin resiste ao crescimento pessoal e alimenta profundo medo da maturidade porque esta implica muitas coisas, entre as quais um certo grau de independência e autonomia, capacidade de autodisciplina, certeza acerca de objetivos e valores, e motivação para um nível de realização pessoal” (VIEIRA, 1999, p. 366).

II. VALORES

Comportamentos. Todas as consciências se manifestam através de pensenes e, ao se observar os comportamentos diários de uma conscin, ver-se-á que há uniformidade, repetibilidade e certa previsibilidade nesses comportamentos.

Sinapses. Isso ocorre porque os comportamentos foram moldados durante anos, nas conexões neuronais (sinapses), através do mecanismo de reforço (resultado positivo) e enfraquecimento (resultado negativo).

Padrão. Pode-se, através de registro e análise, identificar vários comportamentos-padrão que uma conscin pode apresentar, tais como: gostos / desgostos, tranquilidade / agitação, extroversão / timidez, firmeza / flexibilidade, perfeccionismo / desleixo. O somatório dos comportamentos de uma conscin reflete o que ela é, como ela se percebe e como é percebida pelos demais.

Quantidade. Se qualquer pessoa fizer uma lista de todos os seus comportamentos diários, terá condições de relacionar centenas de comportamentos que poderá identificar como seus, ou característicos da sua manifestação.

Sistema pessoal. Para Cohen e Fink (2003, p. 168-169), os comportamentos são derivados da estrutura do sistema pessoal, composta por quatro subsistemas: a) objetivos: aquilo por que se luta para satisfazer as necessidades individuais; b) competências: conhecimentos, capacidades e habilidades que qualificam a relação com o ambiente; c) crenças: ideias e concepções pessoais de como funciona o mundo; d) valores: o que é importante na vida e distingue a individualidade. No presente artigo, estuda-se a relação dos comportamentos com os valores.

Valores. Conforme apresentado no livro *Coragem para Evoluir*, de autoria do professor Luciano Vicenzi (2005, p. 133), os comportamentos são derivados dos valores. Os valores são aquilo que tem importância para cada um; em outras palavras, aquilo a que se dá valor.

Exemplos. São exemplos de valores: família, trabalho, casa, carro, dinheiro, posição social, sexo, amor, lazer, honestidade, autoimagem, segurança, assistencialidade, competitividade, saúde, dentre outros.

Valor existencial. Para Vieira,

“o valor existencial é a qualidade da realidade específica representando validade, legitimidade, veracidade ou dignidade superior, ideal, quanto à evolução consciencial e à plenitude cosmoética, estabelecida e arbitrada de antemão, a ser prezada racionalmente e buscada tecnicamente de modo prioritário pela consciência lúcida, intermissivista, cognopolita, homem ou mulher” (2008, p. 3.701).

Princípios. Para o propósito do artigo, princípios são definidos como aqueles valores mais arraigados, importantes, aqueles que servem de fonte de orientação pessoal. Na maioria das vezes, os princípios são inatos (paragenéticos). Já os valores são contextuais, flexíveis, mutáveis, muitas vezes adquiridos e aprendidos no meio em que se vive.

Valores reais. Os valores que constituem a fonte dos comportamentos são identificados em menor número. Pode-se identificar dezenas de valores em uma consciência, no entanto os mais importantes, ou aqueles que mais influenciam seus comportamentos, geralmente não passam de dez. Esses são os valores reais da consciência, pois direcionam suas ações cotidianas.

Valores idealizados. Às vezes, as consciências podem nutrir valores idealizados – aqueles que gostariam de ter, sabem ser importantes, mas ainda não são fonte de manifestação prática. Por exemplo, alguém pode pensar que ajudar os outros é importante, mas se no seu dia a dia não dedica tempo a essa atividade, isso significa que a assistencialidade ainda não é um valor real para ela.

Hierarquia. Para Tamayo,

“os valores apresentam uma hierarquia, baseada na maior ou menor importância que eles têm na vida do indivíduo e uma função que faz com que eles sejam dominantes da rotina diária, já que eles orientam a vida da pessoa e determinam a sua forma de pensar, de agir e de sentir” (1996, p. 160).

Comparação. Para identificar os valores reais mais importantes, pode-se utilizar a técnica do confronto direto (2 a 2), que consiste em classificar, entre dois valores identificados, qual deles é o mais importante. Perguntas, a exemplo de: “eu abro mão da minha segurança em troca da preservação da autoimagem?”, “em qual situação prática isso ocorre?”, podem ser usadas nessa técnica.

Técnica do confronto direto. Para hierarquizar, por exemplo, vinte valores reais a partir de uma lista de valores identificados por uma consciência, pode-se tomar um desses valores e escrevê-lo em primeiro lugar

em uma página em branco. Depois, toma-se outro valor e compara-se ao primeiro, através das perguntas exemplificadas anteriormente. Caso esse valor seja mais importante que o anterior, deve-se colocá-lo uma posição acima, caso contrário, uma posição abaixo. Repetindo o procedimento com todos os valores, tem-se, ao final, uma listagem hierarquizada.

Identificação. Quando uma consciin identifica comportamentos que reputa como inadequados ou imaturos, isso pode incomodá-la e deixá-la com a sensação de que deveria mudar de comportamento. Muitas vezes são os outros que apontam esses traços. Às vezes, a consciência prefere não vê-los, admití-los ou enfrentá-los.

Mudança. Assim, embora seja um primeiro passo, a simples identificação dos comportamentos que devem ser mudados geralmente não é suficiente para promover sua mudança. Na maioria das vezes, eles estão bastante arraigados nas redes sinápticas, formadas ao longo de anos. Sem falar nos comportamentos provenientes das redes parassinápticas, oriundos da paragenética, formados nas inúmeras vidas anteriores da consciin.

Substituição. Desta forma, premidas pela necessidade de mudança, algumas conscins tentam o atalho da simples substituição de hábitos, sem tentar identificar quais são os valores que estão por trás daqueles comportamentos indesejados. Deste modo, por exemplo, a pessoa poderia trocar o hábito de fumar pelo hábito de chupar bala, sem dúvida uma troca saudável em termos de possíveis consequências patológicas, mas que não aprofunda na origem do vício, que pode estar calcado na ansiedade, baixa autoestima, dentre outras causas.

III. IMPULSOS

Fonte. Há várias pesquisas que buscam identificar as fontes ou as exigências intrapsíquicas que norteiam os valores. Tamayo (1996, p. 160) apresenta três tipos básicos: necessidades biológicas, necessidades sociais (reguladoras das relações interpessoais) e necessidades sócio-institucionais (aquelas que dizem respeito à sobrevivência e bem-estar grupal).

Impulsos. Nesta pesquisa, para identificar as causas dos comportamentos e dos valores, aumentar-se-á o nível de profundidade de modo a classificar os valores em função de três tipos básicos de impulsos: sobrevivência, socialização e evolução, conforme proposto por Vicenzi (2005, p. 133). Neste artigo, o impulso de socialização é abordado com o sentido de aceitação social, haja vista que, *lato sensu*, socialização possui também aceitação homeostática, sendo a base da interassistência.

Maturidade. Se uma consciin fizer um estudo profundo de seus comportamentos e valores identificados e ranqueados, e classificá-los de acordo com os impulsos básicos apresentados, poderá ter uma média de seu nível de maturidade.

Animais. Os animais agem preponderantemente através dos instintos de sobrevivência. Possuem a sociabilidade esboçante, permanecendo em grupo geralmente por questões de segurança e reprodução. Ao que parece, os seres humanos têm a sociabilidade como um impulso quase tão importante quanto a sobrevivência, pois várias vezes colocam esta em risco com ações que priorizam o impulso de aceitação social.

Exemplo. Um exemplo poderia ser o de um indivíduo que, para não demonstrar covardia e manter a autoimagem preservada, entra em um elevador com um sujeito de aspecto ameaçador, podendo indicar que, para ele, sua imagem social é mais importante que sua segurança. Um gato, não se importando com sua reputação, provavelmente não entraria de modo espontâneo em um ambiente fechado com um cachorro.

Evolução. Conquanto a sobrevivência e a aceitação social sejam importantes para que se possa viver e conviver neste planeta, esses impulsos não levam em consideração a multiexistencialidade, a multidimensionalidade nem o fluxo de evolução consciencial. Um indivíduo bem adaptado física e socialmente na Terra, não necessariamente teve ampliado seu nível evolutivo em uma vida intrafísica, podendo indicar que os impulsos de sobrevivência e aceitação social sejam insuficientes para aumentar o nível de holomaturidade da conscin. Dessa forma, por hipótese, o impulso de evolução é aquele que influencia os comportamentos e valores associados rumo à evolução consciencial.

Medo. Aprofundando um pouco mais as causas primárias dos impulsos, um dos mais fortes, senão o principal indutor dos impulsos de sobrevivência e aceitação social, são os medos. O medo da morte (para o impulso de sobrevivência) e o medo da solidão (para o de aceitação social) podem ser considerados fortes indutores para esses impulsos, os quais, por sua vez, induzem um sem-número de valores e comportamentos deles derivados. Em outras palavras, o que direciona boa parte dos comportamentos cotidianos de uma conscin média são os medos.

Raízes. Em última análise, quais seriam as raízes do medo? O que mais poderia ser senão a ignorância? O medo da morte poderia derivar do fato de não se saber o que vem depois dela. O medo da solidão poderia advir do desconhecimento da realidade íntima – pessoal e das demais consciências –, da multidimensionalidade e da multiexistencialidade, dentre outras.

MDE. Assim, dentro dessa perspectiva, a humanidade vive em grande parte sob o predomínio e o jugo do medo e desenvolve uma série complexa de valores e comportamentos como mecanismos de defesa do ego (MDE) milenares para se manter em relativa segurança e conforto. Os processos de socialização induzem e reforçam esses comportamentos: *faça tudo certo como lhe ensinaram e você sobreviverá; faça tudo conforme o modelo social vigente e você será aceito!*

IV. EVOLUÇÃO

Evolução. A pressão evolutiva impele as conscins mais lúcidas a saírem dessa zona de conforto descrita e avançar. Nem sempre a conscin se empenha no processo evolutivo porque vislumbra os benefícios e recompensas advindos. Muitas vezes ela age devido à saturação: evolui porque não aguenta fazer sempre a mesma coisa, *ad infinitum*, vida após vida.

Metáfora. Utilizando-se de uma metáfora (criança-adulto), pode-se exemplificar o comportamento da conscin nesse processo de saturação-evolução.

Crianças. Quando crianças, deixamos de brincar de carrinho e forte Apache, não porque fosse ruim ou aborrecido, na verdade adorávamos essas brincadeiras, mas porque com o passar da idade surgiram atividades mais interessantes. Entretanto, isso não veio sem certa dose de risco, ansiedade, crises, medo do desconhecido.

Adultos. Sendo adultos, não queremos voltar a brincar como antigamente fazíamos. Nossa maturidade aumentou e nossos valores e comportamentos mudaram.

Subnível. Todavia, ao que parece, a maioria da humanidade robotizada se limita e se contenta com as brincadeiras de adultos – trabalho, lazer, festas, esportes, prazer, comida, sexo, álcool e outras mais. Para a maioria das conscins, o impulso de evolução ainda é latente, como se não houvesse chegado o ponto de saturação que a impele a sair desse estágio de *infantilismo consciencial*. Vê-se que, nessas atividades, ausente o impulso de evolução, os impulsos de sobrevivência e aceitação social imperam, mantendo a humanidade semilúcida em subnível evolutivo autoimposto.

Questionamentos. Dentro desse enfoque, cinco questionamentos, dispostos em ordem funcional, podem ser relevantes para a autorreflexão da conscin interessada em sair desse subnível:

1. Quero sair dessa estagnação e tomar para mim o controle da minha evolução?
2. Quais responsabilidades ainda não quero assumir?
3. Por que ainda reluto em abrir mão dos ganhos secundários?
4. Como posso substituir os comportamentos anacrônicos por novos comportamentos pró-evolutivos já identificados?
5. Qual o catalisador desse processo evolutivo?

V. PROCESSO DE MATURAÇÃO

Conhecimento. Ao identificar as raízes do medo como sendo a ignorância, conseqüentemente pode-se inferir que seu antídoto é o conhecimento. Para o medo da morte, pode-se usar a *projeção consciente*, a qual permite à consciência lúcida a autocomprovação da realidade além da vida intrafísica, independente de religiões, gurus, dogmas.

Autoconhecimento. Para o medo da solidão, advinda do desconhecimento da realidade íntima da consciência, nada como a autopesquisa teática, cotidiana, em nível crescente de aprofundamento (VIEIRA, 1999). A Conscienciometrologia é fundamental nesse processo, por fornecer técnicas e métricas favorecedoras à autopesquisa e ao autoconhecimento.

Coragem. Esse autoconhecimento se tornará a base para a coragem consciencial (oposta ao medo, cujo mecanismo foi descrito nos itens anteriores). Essa coragem, ancorada no conhecimento, dará embasamento para a solidificação dos valores baseados no princípio da evolução. Novos comportamentos poderão surgir daí, não baseados na simples substituição ou repressão, mas calcados em bases sólidas. Desta forma, o conhecimento atuará como catalisador do processo evolutivo.

Comportamentos. “A consolidação das mudanças comportamentais mais positivas ocorre efetivamente quando há um alinhamento entre a coragem e a renovação dos valores evolutivos do indivíduo” (VICENZI, 2005, p. 133).

Holomaturidade. Quando se entende o mecanismo hipotético aqui descrito, uma consciência poderia estudar os comportamentos identificados que não estão mais de acordo com seus princípios evolutivos, identificar a cadeia de valores-impulsos-medos-ignorância que os sustenta e, caso decida enfrentá-los, ir paulatinamente reduzindo sua manifestação e construindo nova rede sináptica com os comportamentos recentes, baseados no autoconhecimento-coragem-impulsos evolutivos.

Processo. A figura 1 mostra esquema do processo de maturação consciencial hipotético apresentado, relacionando os comportamentos estagnadores evolutivos (à esquerda), baseados nos impulsos de sobrevivência e aceitação social, o conhecimento como elemento catalisador e os comportamentos pró-evolutivos formados a partir do impulso de evolução (à direita).

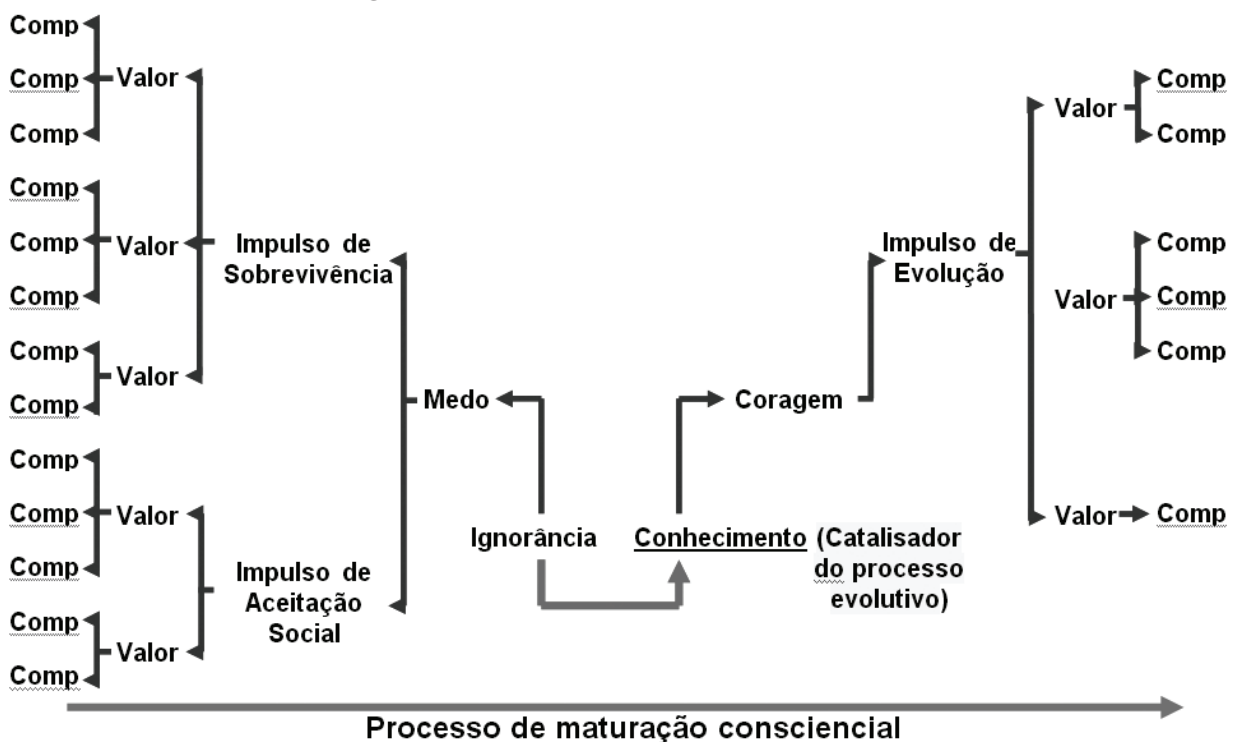
VI. TÉCNICAS

Autopesquisa. Uma das formas de iniciar um processo autoconsciente de mudança de patamar evolutivo, investindo na holomaturidade, é começar com a autopesquisa, visando ao autoconhecimento.

Desprendimento. Outro ponto importante a considerar é que, no caminho da maturidade há que se abrir mão de ganhos secundários, comportamentos arraigados, e muitas vezes de coisas boas e positivas – economia de bens (VIEIRA, 1994, p. 633), para que se possa vivenciar outras melhores (essas são as mais difíceis de se abrir mão).

Técnica. Podem ser usadas várias técnicas para identificação dos comportamentos e valores reais e idealizados, conforme descritos no item II. Esse estudo é a base para a identificação dos impulsos

Figura 1. Processo de maturação consciencial



predominantes. A técnica a seguir é adaptada do curso Fundamentos da Autocoerência (SALLES, 2002, p. 27-29):

1. **Local.** Instale-se em um local tranquilo, pegue papel e caneta e faça uma mobilização energética.
2. **Princípios.** Liste quais os seus princípios identificados (cerca de cinco). Quais são seus escrúpulos? O que é inegociável? O que o inibe de praticar atos anticosmoéticos? Quais são seus valores idealizados?
3. **Valores reais.** Liste seus valores reais (cerca de dez). O que é importante para você? Anote pelo menos três comportamentos constantes que são baseados nesses valores.
4. **Pressões.** O que você faz quando está sozinho ou quando não há pressões externas para que você faça algo? Nessas ocasiões, valores mais íntimos se manifestam. Eles são os mesmos manifestados no cotidiano?
5. **Importância.** Classifique os valores em ordem de importância. Use os comportamentos e o confronto direto para estabelecer a importância.
6. **Alinhamento.** Cheque qual o grau de alinhamento entre os valores reais e os princípios. E os valores idealizados? Quantifique a dispersão ou o grau de ectopia. Os comportamentos baseados nos valores ectópicos nos afastam das metas evolutivas.

Variações. Outras técnicas similares e / ou complementares podem ser aplicadas, a exemplo destas duas encontradas no livro *Autocura Através da Reconciliação*, de autoria de Málu Balona (2004, p. 78 e 92):

1. Técnica dos 10 valores pessoais básicos;
2. Técnica da madrugada.

VII. CASUÍSTICA

Casuística pessoal. O autor, durante dinâmica em curso de qualificação docente do IIPC, realizado em janeiro de 2003, constatou que, dos seus cinco valores mais importantes identificados, utilizando a técnica

do confronto direto, apenas dois (assistência e autoconhecimento) estavam alinhados ao princípio da evolução – e nas últimas posições, em uma classificação de importância. Os demais (autoimagem, competitividade, segurança) estavam vinculados aos princípios de sobrevivência e aceitação social e foram diagnosticados, através do confronto direto e dos comportamentos associados, como relativamente mais importantes que os outros dois citados.

Mudanças comportamentais. Ao longo destes sete anos, com o incremento de atividades de autoconhecimento (autopesquisa) e assistência (cursos, pesquisas, docência conscienciológica), o autor identificou substancial redução na importância dos valores de competitividade e segurança e simultâneo incremento na relevância dos comportamentos relativos aos valores autoconhecimento e assistencialidade.

Autoimagem. Por outro lado, o valor da autoimagem permaneceu quase que intocado, na primeira posição, demonstrando ser um dos pontos pessoais de maior dificuldade de enfrentamento. Esse é o desafio atual deste autor.

CONCLUSÃO

Inteligência evolutiva. Considerando que a medida da consciência se dá pela medida de sua holomaturidade, e a medida da maturidade pode ser avaliada pelo nível das prioridades conscienciais, pode-se dizer que a inteligência evolutiva consiste em tomar atitudes mais adequadas ao incremento sustentável na escala evolutiva pessoal.

Tempo e veículos. Assim, é indício de maior grau de inteligência evolutiva a priorização dos valores calcados no impulso evolutivo em detrimento daqueles oriundos dos impulsos de sobrevivência e aceitação social. Além de levar em consideração a pluriexistencialidade nas prioridades diárias, aproveitando ao máximo o tempo disponível e a holossomática, e priorizando o equilíbrio holossomático com predomínio do mentalsoma (DIAS, 2006).

Valores. A identificação dos comportamentos alinhados aos valores reais permite a paulatina redução dos comportamentos inadequados ou dispensáveis, calcados no medo e na ignorância, em troca de outros mais maduros, alinhados ao impulso da evolução e fruto da coragem consciencial e do autoconhecimento.

Questionologia. Fica a questão para a conscin interessada: você já identificou seus valores reais e comportamentos cotidianos, classificando-os segundo escala pessoal de maturidade? Ainda continua agindo impulsivamente, repetindo velhos hábitos, como um “*antepassado de si mesmo*”? (VIEIRA, 2003, p. 210).

REFERÊNCIAS

01. Balona, Málu; *Autocura Através da Reconciliação*; 2ª Ed.; Instituto Internacional de Projeiologia e Conscienciolgia; Rio de Janeiro, RJ; 2004.
02. Cohen, Allan R.; & Fink, Stephen; *Comportamento Organizacional: Conceitos e Estudos de Caso*; Campus; Rio de Janeiro, RJ; 2003.
03. Dias, Ricardo A. L. G.; *Holomaturidade e o Binômio Tempo Evolutivo–Holossoma*; Anais da IV Jornada de Autopesquisa Conscienciológica, realização IIPC; Journal of Conscientiology; IAC; Vol. 8, No. 31-S, 2006. p. 163-172.
04. Salles, Maurício; *Fundamentos da Autoconsciência – Aprofundamento Temático*; 2ª Ed.; Instituto Internacional de Projeiologia e Conscienciolgia; Rio de Janeiro, RJ; 2002.
05. Tamayo, A.; *Cultura, Valores Organizacionais*; In: Tamayo, A.; Borges-Andrade, J. E.; Codo, W. (Org.); Trabalho, organizações e cultura. Coletâneas da ANPEPP (Vol. 1, Num. 11); Associação nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia; São Paulo, SP; 1996; p.157-172.
06. Vicenzi, Luciano; *Coragem para Evoluir*; 2ª Ed.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2005.

07. **Vieira, Waldo**; *700 Experimentos da Conscienciologia*; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia; Rio de Janeiro, RJ; 1994.

08. **Idem**; *Enciclopédia da Conscienciologia Eletrônica*; CD-ROM 1.000 verbetes; 4ª Ed.; Associação Internacional Editares, Associação Internacional de Comunicação Conscienciológica (COMUNICONS) & Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; 2008; páginas 3.091 e 3.701 (Verbetes: Priorologia e Valor Existencial).

09. **Idem**; *Homo sapiens reurbanisatus*; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; 2003.

10. **Idem**; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*; 4ª Ed.; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia; Rio de Janeiro, RJ; 1999.

